

Seminário "Fatos e imagens na comunicação contemporânea. Lógica e Informação"

08/12/2021 – das 14h às 18h

Instituto de Estudos Avançados – USP – Grupo de Pesquisa Política Ambiental

"Pois, na realidade, 'a' razão não é nem uma classe, nem um 'grupo de destinatários'; a razão não tem nenhum corpo, não pode sofrer, nem tampouco desperta paixão alguma."

J. Habermas (1982, p. 401)

Devemos evitar a tentação de olhar essas cenas apenas por seu valor de face, como querem que as vejamos (em reviravolta covarde, [Biden culpou o povo afeição pelo retorno do Talibã](#), acusando-o de apatia e complacência). Se assim acedermos, faremos coro ao alerta de Sontag: as fotografias depõem em favor das vítimas, mas infelizmente nada podem fazer por elas.

As cenas do aeroporto não são imagens de cidadãos desesperados e humilhados, mas da face crua do fracasso americano, companheiras de um álbum que inclui Vietnã, Hiroshima e Abu Ghraib.

Ao responsabilizarem os Estados Unidos, é provável que essas imagens logo sejam esquecidas ou substituídas pelas de outro conflito. Afinal, a história das guerras é a história dos vencedores sobre os vencidos. Mas se, em vez da ganância, quisermos perseguir a verdade, não podemos nos distrair com as imagens. Ver imagens não é o mesmo que conhecê-las. E é preciso lutar por seus sentidos.

Caso contrário, continuaremos para sempre prisioneiros da caverna do mito.

Um dos maiores dramas humanos é o juramento. Uma instância superior parece se dobrar de dentro da eternidade e apontar o dedo condenatório sobre nós e dizer 'estou vendo seu juramento; estarei aqui para cobrar ele no tempo devido!', e depois põe para correr uma ampulheta. Daí que o juramento é carregado de tensão. Quem não sabe do juramento de Scarlett O'Hara em 'O Vento Levou...', primeiro filme colorido do cinema de 1939, quando ela retorna a Tara, sua fazenda, e a vê destruída pelo fogo, arruinada pelo exército lanque do Norte (foi exatamente a dor, o drama, o choque psicológico terrível, aquela identidade do humano diante da imensidão terrível do universo, diante de uma força maior que a vida, que fez dessa passagem do filme um elemento folclórico em toda cinematografia e cultura moderna, pois não poderia estar

senão diante de um voto verdadeiro alguém de pé resistindo frente o próprio destino) (HOWARD, Sidney; [1939, 24 de janeiro]; p.126, tomada 315)¹:

"[Scarlett]

Deus é minha testemunha... Deus é minha testemunha... Eles não vão acabar comigo!... Eu sairei viva de tudo isto e quando tudo isto passar eu nunca mais sentirei fome novamente... Não, nem qualquer um dos meus!... Se eu tiver de mentir – roubar – trair – ou matar! Deus é minha testemunha, eu nunca passarei fome novamente!"

Toda comunicação do saber é comunicação linguística e todo impacto sobre o ambiente natural e social vem das consequências da comunicação, expondo com bastante força a problemática moderna e pós-moderna do discurso científico e filosófico.

A comunicação, então, sendo linguagem, carrega as intenções e motivações ligadas aos fatos e permitem não só a perpetuação do conhecimento, mas a expansão dele, sua crítica e até os argumentos de choque que viriam contra a própria ciência. O entrelaçamento do discurso produz uma visão da realidade no qual todo ser racional está imerso: pela circunstância da própria racionalidade (lógica, alfabeto, sintaxe, linguagem, semântica) a vivência e sobrevivência da razão se faz pela experiência do discurso e nessa experiência os seres de fato confeccionam o ambiente de experiência sensível. Isto é, há um ponto de forte influência da linguagem sobre a

1 No original:

[Scarlett]

As God is my witness... As God is my witness... They're not going to lick me!... I'm going to live through this and when it's all over, I'll never be hungry again... No, nor any of my folk!... If I have to lie – steal – cheat – or kill! As God is my witness, I'll never be hungry again!

O roteiro de Sidney Howard não seguiu exatamente a fala original de Scarlett no livro de Margaret Mitchell (MITCHELL, M.; [1947]; p.419):

“As God is my witness, as God is my witness, the Yankees aren't going to lick me. I'm going to live through this, and when it's over I'm never going to be hungry again. No, nor any of my folks. If I have to steal or kill – as God is my witness, I'm never going to be hungry again.” [tradução livre]: “Deus é minha testemunha, Deus é minha testemunha, os Ianques não vão acabar comigo. Sobreviverei a isso e, quando isso acabar, nunca mais passarei fome. Não, nem qualquer um dos meus. Se eu tiver que roubar ou matar – Deus é minha testemunha, eu não passarei fome nunca mais.”

empíria. As discussões feitas sobre os aspectos da linguagem e sua influência nas relações humanas, principalmente no espaço de uma Semântica da Verdade (que impacta sobre o discurso histórico, jurídico, sociológico, científico-matemático, político, etc.), precisam de uma organização sistemática que problematize as questões e discuta, por ordem, as soluções a fim de que uma visão de conjunto ampla a respeito de problemas correlacionados não se torne difusa pela aparente falta de conexão temática.

Particularidades semânticas e sintáticas da linguagem sempre deram espaço para que a confusão entre o falso e o verdadeiro – o Paradoxo – surgisse. Mas nunca se aceitou que a Linguagem era paradoxal por essência e recursos lógicos sempre deram a solução de se contornar a paradoxalidade. Os processos manipulativos da linguagem, então, passam por um conhecimento do espaço social e psicológico onde a mensagem circula. Sem comunicação não há civilização.

Não há como preservar a civilização, o pensamento e a ciência se o debate se perder na confusão do paradoxo. Entender a manipulação das decisões começa por entender como a comunicação pode preservar as semânticas originais nas mensagens entre os homens.

Nesse sentido, o Grupo de Pesquisa Política Ambiental, propõe o Seminário "Fatos e imagens na comunicação contemporânea. Lógica e Informação", dando prosseguimento ao Seminário "Guerras Híbridas. O uso maligno do conhecimento", realizado em 2019. Se hoje o termo *guerras híbridas* praticamente desapareceu do debate substituído pelo termo *fake news*, propõe-se a análise dos significados subjacentes a esta transposição acrítica, introduzindo-o no debate sócio-histórico contemporâneo visando uma compreensão mais fundamentada sobre as contradições que subjazem ao uso destes termos como sinônimos.

Na oportunidade, será apresentado o livro 'Fluir de Paradoxos. Diálogos entre Lógica e Informação', resultante do trabalho do Grupo de Pesquisa Política Ambiental, em consonância com influências derivadas de estudos já desenvolvidos no campo da Lógica e outros grupos pregressos do IEA/USP.

Serão expositores:

- Thyago Nogueira, curador e responsável pela fotografia contemporânea do Instituto Moreira Salles - SP, para discorrer sobre a questão da imagem contemporânea. Thyago Nogueira foi o curador da magnífica exposição "Claudia Andujar - The Yanomami struggle" que vem itinerando pelo mundo com grande impacto.
- Juracy Armando Mariano de Almeida, cientista social, pesquisador em Psicologia Social da PUC/SP, estudioso da Teoria da Comunicação de Habermas.
- Carlos Roberto Teixeira Alves, lógico e estudioso da Teoria da Ciência, pesquisador do IEA/USP, que vem desenvolvendo estudos aprofundados sobre relações entre verdade, semântica dos mundos possíveis e outras questões relacionadas aos problemas das fake news e da indecidibilidade entre discursos oponentes.

A mim caberá apresentar e articular as exposições prevendo-se, para cada uma delas, uma duração média de 45 minutos. Na expectativa que este convite seja ocasião para promover uma aproximação

Trecho do filme: O Brasil, os índios e, finalmente, a USP

- 1h, 19 min., 18 seg. - 1h, 21 min., 23 seg.
- 1h, 28 min., 39 seg. – 1h, 30 min. E 25 seg.

Prof. Carlos